

MULHERES EM ARMAS: recordando Norma Vergara

(Texto aparecido no número 3 da Publicación Madre Tierra)



Na tarde de 26 de março de 1993, em pleno bairro Victoria (Santiago), a *Dirección de inteligencia policial de carabineros* (DIPOLCAR), implanta uma operação para neutralizar um esquadrão das *Fuerzas Rebeldes y Populares Lautaro* (FRPL), grupo que nasceu durante a ditadura e que uma vez acordada a saída democrática do regime de Pinochet, decide continuar operando com práticas de guerrilha urbana contra a ordem capitalista.

Um pequeno restaurante na rua San Diego foi o local escolhido para realizar uma reunião de planejamento entre diferentes membrxs que operavam na clandestinidade, mas o ponto de encontro foi detectado pela polícia e toda uma operação de emboscada e aniquilação foi orquestrada.

Ao entrar em um dos carros dispostos na rua Zenteno, Norma Vergara, de 27 anos, recebeu 7 impactos de bala no peito, disparados à distância por um

atirador da DIPOLCAR. Norma é ferida no banco do passageiro, com uma arma na mão que ela não conseguiu disparar. Algunsxs companheirxs foram presxs na mesma operação, outrxs conseguiram fugir, misturando-se axs curiosxs que chegaram ao local.

O corpo agonizante de Norma é exposto diante da carniça jornalística, que não perdeu ângulo nem detalhe, em um espetáculo macabro que historicamente só busca dar lições de poder, mostrando até onde a autoridade é capaz de chegar quando tem alguém entre os dentes.

Odiavam Norma, por isso dispararam 7 balas, a deixam agonizar por horas sem atenção médica e a expõem moribunda frente às câmeras. Norma finalmente morre no posto central em 26 de março por volta das 19h30.

A imprensa da época a descreve como “perigosa, audaz, decidida”, em outros artigos podia-se ler que era considerada de “extrema periculosidade” e sua morte qualificada como “uma baixa considerável para as *Fuerzas Rebeldes y Populares Lautaro*”, relacionando-a com “uma ampla série de atentados e assassinatos”. O poder não perdoava Norma pela decisão de passar à ofensiva, de maneira direta, protagonizando enfrentamentos armados e somando baixas nas forças repressivas.



Uma das ações que participou e que a polícia mais ressaltava era a de 10 de setembro de 1992, na casa do intendente Luis Pareto, onde resultam mortos três agentes de investigações encarregados de sua segurança. Nessa oportunidade, Norma simulou ser uma empregada doméstica que passeava na rua com um bebê, ao passar em frente à equipe de segurança ela retira dos cobertores uma submetralhadora UZI, cuja munição foi descarregada contra os detetives surpresos.

A ousadia, a audácia, a transgressão da legalidade, a destruição de moldes, esquemas e estereótipos, fizeram dela o alvo dos carrascos da polícia.

A crueldade policial, os detalhes de sua captura, assim como com outras mulheres guerrilheiras, revelam o ódio não só a quem transgride a legalidade e atenta contra o monopólio da violência, mas também coloca em evidência que a transgressão aos mandatos de gênero é intolerável a qualquer autoridade.

A violência está inscrita no masculino como possível, inclusive plausível, mas as mulheres devem apegar-se às normas de gênero, às construções sociais e legais, qualquer transgressão a isso é duplamente incômodo e punível.

A mulher guerrilheira transborda, além da legalidade, normas que regulam a feminilidade, essas que dizem que as mulheres devem ser dóceis, complacentes e passivas. A raiva e a ousadia em uma mulher são duplamente perigosas e devem ser corrigidas de modo exemplar, por isso expõem sua agonia e morte como uma mensagem poderosa.

Recordamos a companheira Norma Vergara, desde nossa perspectiva anarquista e antiautoritária, assumindo profundas diferenças com a organização marxista-leninista na qual ela militava, mas resgatando sua decisão de combate, o enfrentamento sem trégua não só contra o Estado e seus aparatos repressivos, mas também contra as estruturas de dominação que pretendem atribuir um papel secundário às mulheres dentro das mesmas agrupações revolucionárias.

Para além das evidentes diferenças com a organização da qual Norma fazia parte, há um germe comum que nos conecta com a companheira e este é a decisão de insurreição permanente, sem tempos de espera nem conciliação com o poder.

Nos unimos à sua vontade de guerra, rompendo moldes e estereótipos, combatendo o chamado à resignação (ainda mais na democracia), defendendo armada suas opções de vida, participando ativa e desafiante contra os agentes da autoridade.

No momento de seu assassinato, Norma estava preparando o resgate da ex-penitenciária de Santiago de todos os presos políticos que ali se encontravam e para os quais estava sendo construída uma prisão sem precedentes no Chile, devido à dureza de seu regime e ao nível de isolamento que iria impor, a Prisão de Alta Segurança (finalmente inaugurada em 1994).

Ao longo dos anos a memória de Norma tem sido reivindicada por diversos grupos de ação insurrecional, em mais um gesto que luta contra o esquecimento, que é, em última análise, o aniquilamento total dos companheiros mortos.

Na história do confronto à dominação é comum que se entrecruzem em diferentes épocas nomes de companheiros e também de representantes do poder.

No ano de 1993, José Alejandro Bernales dirigia a DIPOLCAR, e, em 2005, tornaria-se o diretor dos *carabineros*.

O mesmo personagem, em 2007, apontou, perseguiu e ameaçou pela imprensa alguns companheiros de Norma, procurados no âmbito da investigação pela morte do Cabo Moyano, posteriormente condenados no conhecido Caso Security. As histórias sempre se cruzam... Bernales morrerá em 29 de maio de 2008 em um acidente aéreo no Panamá, terminando assim sua sinistra carreira policial.

Em memória de Norma Vergara...

Os anos passam, mas nossos mortos em guerra seguem nos acompanhando.